

Entrevista de **Marieta de Moraes Ferreira**, realizada por Marco Aurélio Santana e Verena Alberti em Istambul, Turquia, no dia 17 de junho de 2000, durante o XI International Oral History Conference.

“Existem muitas divergências, até mesmo de fundo, sobre o que é a história oral, sobre como deve ser feita a história oral, mas (...) isso não pode ser um impedimento ao entendimento entre aqueles que trabalham com história oral. Essas divergências nunca se transformaram em conflitos que tivessem impedido o desdobramento, o avanço do movimento da história oral no Brasil. Muitas pessoas aqui em Istambul têm me perguntado por que a história oral assumiu uma dimensão tão significativa no Brasil. Acho que, além das características do país, além de termos no Brasil uma rede de financiamento institucional que nos ajuda a realizar encontros, o motivo principal é essa relação que foi criada entre as pessoas e entre as diferentes regiões do país”.

Marieta de Moraes Ferreira

A ENTREVISTA COM MARIETA ocorreu no último dia do congresso, poucos minutos antes de sua posse como presidente da Associação Internacional de História Oral. Novamente tivemos que procurar um lugar reservado, e a organização do Congresso ofereceram-nos uma sala no prédio onde ocorreria a cerimônia de encerramento, na universidade de Bogaziçi. O eixo central do roteiro foi praticamente o mesmo, abrangendo o percurso que levou Marieta à história oral, a trajetória da história oral no Brasil e sua avaliação do movimento internacional.

Já haviam transcorrido quatro dias de intensos trabalhos, tanto nas sessões acadêmicas quanto nas reuniões da Associação. Estávamos todos cansados, mas satisfeitos com os resultados do Congresso. A entrevista transcorreu em clima de conversa informal, e não exigia de nós termos de pensar em outra língua que não o português.

Marieta recapitulou a trajetória da história oral no Brasil, lembrou de alguns encontros nacionais marcantes, que contribuíram para estreitar os laços entre os brasileiros e deles com pesquisadores estrangeiros convidados, e procurou traçar o percurso que levou o Brasil a ter um papel de destaque no movimento internacional da história oral. Como membro da diretoria da Associação Internacional de História Oral de 1996 até 2000 e agora presidente da entidade, ela pôde fazer um balanço das atividades desenvolvidas e falar de suas perspectivas para a nova gestão. Sua entrevista certamente irá ajudar os estudiosos e interessados por história oral a entender melhor o desenvolvimento desse campo de pesquisa no Brasil e no exterior.

Marco Aurélio - De que maneira você chegou à história oral? Qual foi o percurso?

Marieta - Comecei a trabalhar com história oral de uma forma até um pouco anárquica, sem uma preparação maior, quando fui trabalhar no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, em 1978, um longo tempo atrás. Um dos projetos que o CPDOC desenvolvia então era o de um Dicionário histórico-biográfico brasileiro referente ao período posterior a 1930, e foi nesse projeto que me engajei, como responsável pelos verbetes sobre imprensa, ou seja, sobre jornais e jornalistas. Como não havia material nenhum disponível, decidi fazer entrevistas para poder coletar informações e produzir os verbetes. As entrevistas não foram feitas rigorosamente de acordo com a metodologia da história oral, não foram transcritas etc. Era mais uma coleta de informações através do uso de entrevistas com jornalistas. Eu acabei entrevistando umas 50 pessoas e adquirindo alguma prática com isso. Passado algum tempo, em 1992, fui indicada para ser coordenadora do Programa de História Oral do CPDOC. Era um programa já antigo, fundado em 1975 por Aspásia Camargo, dirigido depois por Valentina da Rocha Lima e Ângela de Castro Gomes. Pouco depois de eu ter assumido essa Coordenação, foi organizado em São Paulo, um encontro de história oral, em que algumas pessoas foram convidadas a falar das linhas de pesquisa de história oral em diferentes instituições. Foi ainda um seminário pequeno, e do ponto de vista do Brasil havia poucos participantes. Por exemplo, do Rio de Janeiro, a

única pessoa que estava lá era eu, que fiz uma apresentação institucional do que era a linha de história oral do CPDOC. Nessa ocasião, o prof. José Carlos Sebe propôs criar uma Associação Brasileira de História Oral. Tivemos uma discussão, para decidir se se criaria ou não uma associação naquele momento, e me lembro bem que a prof. Déa Fenelon declarou que achava um pouco cedo, uma vez que aquele encontro não tinha sido convocado para esse fim e que havia um número reduzido de pessoas reunidas ali. Foi proposto então que se criasse uma comissão que trabalharia durante um ano divulgando essa idéia, e que no fim de um ano se realizasse um novo encontro para pôr a idéia em prática. Em função da sua já antiga tradição no campo de história oral, o CPDOC foi escolhido para sediar a reunião que seria um encontro maior, realmente nacional, para o qual as pessoas enviariam *papers* com antecedência, esses *papers* seriam avaliados etc. Foi criada afinal a comissão, composta por mim, por José Carlos Sebe, Alice Beatriz Lang, Yara Khoury e Antônio Montenegro, e durante um ano nós conversamos, discutimos, enfim, acertamos alguns detalhes sobre como seria a reunião no Rio. E eu, no Rio, imediatamente entendi, também, que a realização do encontro não deveria ser uma tarefa exclusiva do CPDOC. Para podermos fazer alguma coisa positiva, tínhamos que juntar pessoas. Procurei então meus colegas do Rio, da Casa Oswaldo Cruz, da Fundação Oswaldo Cruz; do Laboratório de História Oral e Iconografia da Universidade Federal Fluminense; do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos (CIEC) da Escola de Comunicação da UFRJ; do Laboratório de Pesquisa Social do IFCS, também da UFRJ, e juntos formamos uma outra comissão, agora local, responsável pela organização do encontro. Nessa fase de preparação, achamos que seria interessante, também, trazer convidados internacionais. Durante aquele ano vim à Europa fui a Barcelona e resolvi procurar Mercedes Vilanova, que eu conhecia de nome, mas não pessoalmente. Fui ao Arquivo Municipal de Barcelona, me apresentei a Lluís Ubeda¹, que não me conhecia, deixei meu telefone, e a Mercedes me ligou. Tomamos um café juntas, convidei-a para fazer uma palestra no congresso do Rio, e ela aceitou. Além da Mercedes, convidei também, na França, Philippe Joutard e Michel Trebitsh, do Instituto de História do Tempo Presente – Joutard era reitor em Toulouse e aliás acabou não indo ao encontro, o

¹ Nota para Lluís Ubeda

que foi uma pena. Convidamos também Paul Thompson, mas ele disse que não podia participar, não tinha lugar na agenda. Afinal, em 1994, fizemos a reunião, que foi muito boa. Os dados a respeito podem ser encontrados num livro chamado *História Oral e Multidisciplinaridade*, que reúne as conferências que foram proferidas e os resumos dos *papers*; na introdução menciono o número de participantes e suas características². Durante o encontro foi criada a Associação Brasileira de História Oral, fui eleita presidente e fiquei nesse cargo por dois anos. Ao longo desse período, continuei entendendo, e meus colegas também – e acho que isso foi muito importante – que existem muitas divergências, até mesmo de fundo, sobre o que é a história oral, sobre como deve ser feita a história oral, mas que isso não pode ser um impedimento ao entendimento entre aqueles que trabalham com história oral. Que eu me recorde, essas divergências nunca se transformaram em conflitos que tivessem impedido o desdobramento, o avanço do movimento da história oral no Brasil. Muitas pessoas aqui em Istambul têm me perguntado por que a história oral assumiu uma dimensão tão significativa no Brasil. Acho que além das características do país, além de termos no Brasil uma rede de financiamento institucional, que nos ajuda a realizar encontros, o motivo principal é essa relação que foi criada entre as pessoas e entre as diferentes regiões do país. O fato é que as instituições começaram a fazer encontros regionais, e começamos também a fazer encontros internacionais. Registro como um encontro importante, além dos nacionais, o regional que a USP organizou em 1995 sob a coordenação do prof. Sebe, que resultou o livro *(Re) introduzindo a História Oral no Brasil*³. E teve um evento que era originalmente do Museu da Imagem e do Som, que tinha sido pensado pela Daisy Perelmutter, que depois fez uma parceria com a PUC de São Paulo e com o Centro Cultural Banco do Brasil, que pediu ao CPDOC um apoio. Esse evento, realizado em 1995, também foi muito importante porque levou ao Brasil Alistair Thomson, Mary Marshall Clark, Lutz Niethammer, Alessandro Portelli. Esse encontro teve uma parte em São Paulo e outra parte no Centro Cultural do Banco do Brasil, no Rio. Foi muito bom que essas reuniões acontecessem, porque nós ficamos conhecendo pesquisadores de outros países e eles ficaram nos conhecendo. Isso foi uma coisa

² FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro, Diadorim/Finep, 1994.

³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *(Re) introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo, Xamã, 1996.

ótima, que deu uma circulação, um arejamento de idéias. Cada um tinha um *background* diferente, uma maneira de fazer história oral diferente, e a cada encontro acabávamos fazendo uma publicação, o que permitia que os textos das pessoas de fora começassem a circular no Brasil⁴.

Verena - Ainda na sua gestão na ABHO houve o encontro de Campinas, no estado de São Paulo.

Marieta - Havia sido decidido que haveria o III Encontro de História Oral, em Campinas sob a coordenação da Olga Von Simson. Convidamos Ronald Grele, convidamos Henry Rousseau, do Institut d' Histoire du Temps Présent, e Alicia Bonfil, da Universidade Autônoma do México. Enfim, o que eu acho que é importante reter disso é que o Brasil abriu as portas, abriu os contatos internacionais, trazendo pessoas de diferentes países, com diferentes orientações, com diferentes temáticas. Isso teve um resultado muito positivo, dinamizou muito os encontros regionais. Agora, nós temos que reconhecer que o Brasil tem uma rede institucional de apoio e financiamento que foi fundamental, porque esses encontros todos foram realizados com dinheiro das universidades, dos centros de pesquisa, das agências públicas voltadas para o financiamento da pesquisa. Foram elas que permitiram que esses eventos acontecessem, e que começasse a relação internacional.

Verena - Você chegou a ir ao encontro de Nova Iorque, em 1994?

Marieta - Sim. Foi um encontro organizado por Ronald Grele, muito interessante. Outros brasileiros também foram, como Déa Fenelon, Yara Khoury, Montenegro, Zeila Demartini, Beatriz Lang. A cada encontro desses estreitávamos os laços não só entre nós, brasileiros, mas também com a comunidade internacional de história oral, até que houve o encontro de Gotemburgo. Um pouco antes do encontro houve uma publicação do Paul Thompson dizendo que a Associação Brasileira de História Oral tinha uma atitude antidemocrática e tinha uma forma inadequada de organizar a história oral. Isso foi bastante desagradável porque nós

⁴ O encontro *Ética e história oral*, realizado na PUC de São Paulo e no Centro Cultural Banco do Brasil deu origem à publicação *Ética história oral*, volume 15 da revista Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, abril de 1997, organização de Daisy Perelmutter e Maria Antonieta Antonacci.

estávamos começando a construir a Associação. Me lembro que nessa ocasião eu já tinha sido solicitada pelos organizadores de Gotemburgo para avaliar os *papers* que seriam aceitos no congresso ou não. Selecionei um grande número de *papers* e não aceitei alguns poucos, em função do que deveria ser um *paper* para ser apresentado num congresso – coisa que eu fiz, aliás, solicitada pelos organizadores do encontro de Gotemburgo. Se você não vai fazer seleção, não tem sentido você mandar *papers* para os avaliadores, não é? Na verdade houve uma seleção bastante flexível, porque o objetivo era incorporar o maior número possível de pessoas. Isso também suscitou algumas dificuldades em âmbito internacional. Nessa revista inglesa foi dito que a posição da Associação Brasileira de História Oral, seria de excluir pessoas que não eram da comunidade acadêmica e que isso era uma atitude antidemocrática, e de uma história oral preocupada em recuperar a tradição dos vencedores, a tradição arquivística. Bom, não sei exatamente o que aconteceu, mas o fato é que os organizadores do congresso da Suécia, não sei se por conta dessa emergência do Brasil no cenário internacional da história oral, me convidaram pra fazer uma conferência de abertura em Gotemburgo. Essa palestra foi até publicada no primeiro número da revista da Associação Brasileira de História Oral, sem ter sido, contudo, mencionado que aquele artigo tinha sido a minha conferência em Gotemburgo. Ficou até um pouco confuso, porque eu falo coisas que são meio óbvias para o Brasil, mas não para aquele contexto de Gotemburgo.⁵ Em Gotemburgo, houve então as eleições para se criar formalmente a Associação Internacional de História Oral. Havia uma chapa montada, encabeçada pelo Paul Thompson e com várias outras pessoas. O Montenegro já tinha sido eleito presidente da ABHO eu me lembro que nós, os brasileiros, conversando a respeito, achamos que devíamos propor um outro nome. Mas foi uma proposta absolutamente aleatória, uma coisa tipo voto cacareco: “ vamos votar em alguém para dizer que nós protestamos contra essa eleição”. E para nossa surpresa, a proposta brasileira de lançar o nome da Mercedes foi aceita por um grande número de pessoas e acabou resultando na eleição dela. Acho que isso foi positivo, porque deu uma abertura para o movimento de história oral muito grande.

⁵ FERREIRA, Marieta de Moraes, *Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil, História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 1, junho de 1998, p. 19-30.

No Brasil houve uma continuidade do movimento de expansão da história oral, com a realização do IV Encontro em Recife, em 1997. E nesse meio tempo foi criado o Boletim da ABHO que a Beatriz Lang e a Yara Khoury faziam. Enfim, vários eventos foram engrossando esse movimento e aglutinando pessoas. Com isso, acabamos criando um contato estreito em âmbito internacional com essas várias pessoas: Portelli, Alistair, Ronald Grele, Mercedes, von Plato...

Em Gotemburgo, o Brasil foi escolhido para sediar a próxima conferência internacional no Rio de Janeiro, e eu fiquei responsável por isso no CPDOC. A organização da conferência no Rio de Janeiro foi extremamente importante para o Brasil. Mais uma vez, eu gostaria de registrar que nós lideramos essa conferência no CPDOC, mas buscamos o apoio das outras instituições do Rio, que participaram conosco formando um comitê, como está explicitado nos anais da conferência, bem como tivemos o total apoio da então já existente Associação Internacional de História Oral e da própria ABHO. Novamente convidamos várias pessoas, que participaram de mesas redondas e de conferências. Dessa vez, finalmente, o Philippe Joutard foi, e tivemos também um número enorme de participantes do mundo inteiro, com tradução simultânea e todas aquelas coisas de que eu acho que as pessoas ainda se lembram. Os dados dessa conferência estão em parte nos anais, e agora nós estamos preparando um livro com os *papers* das pessoas que falaram nas mesas redondas e conferências, que vai sair proximamente⁶. Tudo isso criou um espaço de conversa, de troca, importante. Nós conseguimos canalizar um desejo de todos os brasileiros de que nós deixássemos de ser meramente pessoas que recebiam estrangeiros, ouvíamos conferências de estrangeiros e publicávamos *papers* de estrangeiros. Nós queríamos fazer isso, mas nós também queríamos uma troca: publicar nossos textos no exterior, participar das conferências no exterior... porque as antigas conferências de história oral eram extremamente fechadas, pequenas, com uma dificuldade de participação muito grande. Isso de você ter um grande número de pessoas, uma possibilidade ampla de participação de diferentes países e instituições não era uma coisa fácil. Eu me lembro perfeitamente que, na

⁶ História Oral: desafios para o século XXI. Org. por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Fernandes e Verena Alberti. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz, CPDOC-Fundação Getúlio Vargas, 2000 – 204 p.

conferência da Itália, realizada em 1993, poucos brasileiros foram aprovados para apresentar *papers*. Realmente era uma coisa extremamente restrita. Eu acho que, depois da criação da Associação Internacional, houve uma abertura muito grande, com a incorporação de vários países e vários grupos.

Verena - E como você avalia a gestão da Mercedes? Não existia nenhuma associação, em Gotemburgo vocês começaram do nada – você como vice-presidente –, e agora você está recebendo uma estrutura já montada. Quer dizer, como você avalia esses dois anos?

Marieta - Quatro, na verdade. Porque esse comitê foi eleito em Gotemburgo, no Rio houve uma outra eleição e a Mercedes foi reeleita, e o conselho em sua grande parte foi mantido. Eu acho que recebo um saldo positivo. É claro que muitas pessoas já foram arregimentadas para trabalhar nisso, e esse encontro de Istambul também é mais uma etapa. É como se fosse um edifício, que você fosse colocando pedrinhas e tijolos para ir construindo uma coisa maior. Foi feita uma publicação – *Words and Silences – Palabras y Silencios* – em inglês e espanhol, foi feita a *newsletter*, que divulga, tem uma *homepage*, que também divulga eventos, realizações, notícias da história oral pelo mundo... E acho principalmente que a Associação Internacional foi capaz de trazer muita gente. Quer dizer, a grande contribuição da criação, da formalização – porque já existia um movimento de história oral, já existia um comitê internacional antes –, o grande mérito da Associação Internacional de História Oral criada em Gotemburgo foi exatamente a abertura para novos continentes, novos países, novos povos... A história oral era uma coisa muito centrada na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. E mesmo na Europa Ocidental, em alguns países. Nessa nova associação, a América Latina passou a ter um peso muito grande, países do Leste também passaram a ter um peso grande... A própria realização das conferências no Rio de em Istambul é uma indicação disso. Foram duas cidades fora das rotas, das redes tradicionais de realização dos eventos. E agora essa nova proposta de realização da próxima conferência na África é um aprofundamento disso. Acho que vai ser um grande desafio, existem dificuldades internas, políticas, existem dificuldades de recursos – são países que têm mais dificuldades do que o Brasil, do que a Turquia -, mas vale a

pena a gente investir nisto e correr esse risco, porque vai ser um ganho importante para os africanos e para a Associação Internacional.

Verena - E sua eleição, Marieta, como foi esse processo?

Marieta - Na verdade, para mim isso foi uma coisa totalmente inesperada. Até porque eu imaginava que as pessoas que integravam a diretoria já em duas gestões não poderiam ser indicadas para a eleição. Essa era a minha preocupação. Algumas pessoas, até no Brasil, me perguntavam: “Você vai se candidatar?” Eu disse: “Não, nem penso nisso.” Além do mais, como diretora do CPDOC e professora da UFRJ, a minha vida já é muito atribulada e difícil. Eu não tinha nenhuma expectativa nessa direção. Até a Mercedes em alguns momentos me consultou; eu cheguei a sugerir alguns nomes. Ela nunca me perguntou “Marieta, você gostaria? Você está pensando nisso?” Não houve uma conversa, porque da minha parte era uma coisa que eu realmente não cogitava. E para minha surpresa, na primeira reunião que nós tivemos aqui em Istambul, o Alexander von Plato, da Alemanha, indicou meu nome, dizendo que ele achava que eu deveria ser a candidata à sucessão da Mercedes. E consultou as pessoas, se havia outras sugestões, outras propostas, e por unanimidade todas as pessoas que estavam presentes – nesse momento não estavam presentes o Alistair nem o Sandro – disseram que o nome que elas gostariam que fosse apresentado era o meu. E por quê? Porque o Brasil tem uma tradição, já é um país importante no campo da história oral e porque eu tinha coordenado esse trabalho da realização da conferência no Rio e que eles gostariam que a Associação estivesse em mãos de países fora do circuito Europa – Estados Unidos. Eu acho que esse foi um dos motivos que fortaleceram o meu nome. E acho que o fato de eu ser de língua portuguesa, deter contato com o mundo ibérico e luso-africano também foi uma coisa que fortaleceu o meu nome. Um conjunto de fatores, nesse momento, fez com que houvesse uma unanimidade no conselho quanto à indicação de meu nome. Eu não aceitei imediatamente, porque fiquei absolutamente surpresa – parece mentira, mas é absolutamente verdade. Eu disse então que ia consultar os outros brasileiros que estavam aqui – o próprio Marco Aurélio, que é o secretário da Associação Brasileira e História Oral e que estava aqui como representante da Associação -,

que não me sentia confortável para aceitar a candidatura sem um apoio dos meus colegas brasileiros. Naturalmente eu não fiz uma assembléia, nem consultei um a um, mas conversei com o maior número possível de pessoas e também conversei com outras pessoas da comunidade internacional de história oral que acho que têm uma liderança, para saber o que elas achavam, se elas tinham outro nome, enfim. Depois o Portelli e o Alistair vieram a participar da segunda reunião do conselho e eu consultei os dois sobre sua posição e eles igualmente apoiaram. Então eu decidi aceitar, porque, embora eu ache que isso vai ser difícil e complicado para mim, eu conto com o apoio das outras pessoas do Brasil para me ajudarem nessa tarefa, da ABHO, para também me apoiar nisso e me ajudar a tomar decisões ou eventualmente fazer trabalhos que nós possamos fazer juntos... Eu acho que é uma grande oportunidade para o Brasil ter uma pessoa que tem uma trajetória, digamos, na história oral brasileira, como coordenadora do Programa de História Oral do CPDOC, como organizadora, junto com outras instituições, de duas conferências, como primeira presidente da ABHO... E acho que ninguém faz nada sozinho; quem acha que faz as coisas sozinho está fadado ao fracasso. Então é legal para o Brasil – não sou só eu, Marieta, nem é o CPDOC que está na presidência da Associação Internacional; são os brasileiros que, de alguma forma, vão ter um canal maior de participação e de representação.

Marco Aurélio - O que você espera da sua gestão? Tendo em vista que você já estava nessa da Mercedes, que você já tem esse balanço. O que você espera, agora que vai estar nesse posto?

Marieta - Eu acho que ainda temos muitas coisas para fazer na Associação. Por exemplo, temos que melhorar as publicações do ponto de vista de ter uma maior circulação, e acho que a gente precisa principalmente aumentar o número de sócios, fazer crescer a Associação Internacional de História Oral. Nós ainda somos poucos. Antes do início da Conferência de Istambul, contabilizávamos cerca de 180 membros. É importante que no Brasil as pessoas se filiem, que a gente busque filiados em todo o mundo. Acredito que já aqui esse número deva ter crescido, porque certamente muitas pessoas que estão na conferência se associaram. O momento das conferência é muito importante, porque é o momento

que aglutina pessoas, e em que as pessoas se associam. Então, isso é um ponto: divulgar mais, circular mais as informações. Na gestão da Mercedes isso foi feito, mas é importante que isso seja ampliado. Definir melhor também as regras de funcionamento da própria Associação. Nós temos estatutos, mas eles são *guidelines* bem gerais e muitas vezes a gente tem dúvidas sobre como conduzir isso ou aquilo. Nesse novo Conselho que nós escolhemos, existe uma pessoa que ficará responsável por definir melhor o formato institucional da Associação. Há outras pessoas encarregadas das publicações, da *homepage*, que a gente quer melhorar, tornando-a mais dinâmica; a gente quer fazer com que a *newsletter* deixe de ser papel e passe a circular por meio eletrônico. Então eu acho que a idéia de expansão, de abertura e de conversa em diferentes grupos, em diferentes países, de troca e de diálogo, porque isso é que pode efetivamente engrandecer e fortalecer a Associação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta M. (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BURCHARDT, N. & THOMPSON, P. *Our Common History: the transformation of Europe*. London, Pluto Press, 1982.
- CLARK, Mary M. "Esquecendo Louise Rouget: o problema do individualismo, da coletividade e das lembranças não-compartilhadas na história oral e na cultura dos Estados Unidos." In: Revista *Projeto História*, São Paulo, 15, abr. 1997.
- FERREIRA, Marieta M. (org.) *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro, Diadorim/Finep, 1994.
- FERREIRA, Marieta M.; FERNANDES, Tânia.; Alberti, Verena (orgs.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, CPDOC/FGV, 2000.
- GRELE, Ronald. *Envelopes of sound; the Art of Oral History*. New York, Praeger, 1991 (1º ed. 1975).
- JOUTARD, Philippe. *Ces voix qui nous viennent du passé*. Paris, Hachette, 1983.
- MEIHY, José C. S. B. (org.) *(Re) introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo, Ed. Xamã, 1996.
- NIETHAMMER, Lutz. *Lebenserfahrung und kollektives Gedächtnis. Die Praxis der "Oral History"*. Frankfurt a. M., Syndikat, 1980.
- _____. "Conjunturas de identidade coletiva". In: Revista *Projeto História*, São Paulo, 15, abr. 1997.
- PORTELLI, Alessandro. *The Death of Luigi Trastulli and Other Stories; Form and Meaning in Oral History*. Nova York, SUNY Press, 1990.

- _____. “A filosofia e o fatos”. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, dez. 1996.
- SIMSON, Olga R. M. V. (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral: 1996*. Campinas, CMU- Unicamp, 1997.
- THOMSON, Alistair. *Anzac Memories: Living With the Legend*. Oxford, Oxford University Press, 1994.
- THOMPSON, Paul. *The voice of the Past; Oral History*. Oxford, Oxford University Press, 1978.